



RAMALHO, Christina. *Los Reinos Dorados*. Epopeia/poema épico. In: *Revista Épicas*. Ano 4, Número Especial 3, Nov 2020, p. 271-290. ISSN 2527-080X. DOI: <https://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2020vE3>.

LOS REINOS DORADOS EPOPEIA/POEMA ÉPICO

Christina Ramalho¹
Universidade Federal de Sergipe

1.

Los Reinos Dorados [Os Reinos Dourados] (2007), de Homero Carvalho Oliva (1957) é uma epopeia pós-moderna boliviana, organizada em 85 estrofes, com número de versos e metrificacão diversificados, totalizando 472 versos sem rimas, alguns deles deslocados, conferindo movimento às estrofes. A edição bilíngue (espanhol/português), de 2020, traz a versão do poema para o português feita por Saulo Gomes de Souza e dez ilustrações de Floriano Martins, além de fortuna crítica, inserida no final da edição com o título “*Voces de la crítica*”, com textos em espanhol de Alcides Parejas Moreno, Ruber Carvalho Urey, Roxana Selum, Juan Carlos Ramiro Quiroga, Teresa Domingo Catalá e Dante Ribeiro da Fonseca.

O poema não apresenta divisões internas e é antecedido por uma citação de Fernando Pessoa – “*Los dioses no han muerto, nosotros dejamos de verlos*” (OLIVA, 2020, p. 8) –, na verdade um trecho de “O regresso dos deuses”, assinado pelo

¹ Doutora em Letras (UFRJ, 2004). Professora-Adjunta 4 da Universidade Federal de Sergipe. Membro do CIMEEP, do GELIC, do REARE e do IIS. Coordenadora, com Margaret Anne Clarke do GT 5 – Historiografia Épica.

heterônimo Ricardo Reis, cujo parágrafo na íntegra aqui reproduzo, visto que se adequa muito bem à compreensão da matéria épica de *Los Reinos Dorados*: “Os deuses não morreram: o que morreu foi a nossa visão deles. Não se foram: deixamos de os ver. Ou fechamos os olhos, ou entre eles e nós uma névoa qualquer se entremeteu. Subsistem, vivem como viveram, com a mesma divindade e a mesma calma” (PESSOA, 1998, p. 179). A epígrafe, extraída, portanto, desse parágrafo assinado por Ricardo Reis, prenuncia o *leitmotiv*, ou a motivação condutora de uma viagem que será realizada por pai e filho, integrados por uma experiência surreal que revela o investimento no plano maravilhoso da obra, com a finalidade de se resgatar a imagem mítica dos Reinos Dourados e, com ela, uma ancestralidade necessária para a vivência dos simbolismos ligados à Mãe Água e à materialidade cultural que projeta em solo boliviano, amazônico e americano, a existência da Terra sem Mal, a “Pátria das Águas”, e uma condição humana de vida integrada à natureza, sem espaço para injunções políticas, clivagem ou materialismo. Uma sociedade sem governo, na qual as pessoas vivem em comunidade, porque “Nos Reinos Dourados/os homens e a selva éramos um” (OLIVA, 2020, p. 31) ou “porque nossa era a vida/e a ordem espiritual da natureza” (Ibidem, p. 44). Uma viagem de resgate em que o herói épico duplo é também metonímico de toda a América, visto que diferentes espaços fluviais ganham a dimensão do rio Amazonas, quando o pai explica ao filho o motivo de ter vindo, em sonho e voz:

Voltei filho meu
porque me faltava
algo por fazer para libertar
ao pássaro de minha memória
para que minha voz seja
um eco ancestral que traga
a imagem dessa terra
a Terra da gente das Águas

Desses nossos antepassados
descendem teus avôs e avós
movimas, moxeños, sirionós,
itonomas, canichanas, cavineños,
chacobos, baures, cayubabas, chimanes,
pacaguaras, otuquis, pausernas, yuracarés,
e outros muitos, outros povos
além do Rio das Amazonas

o rio mar

o rio oceano

o rio do mundo
(OLIVA, 2020, p. 69-70)

Em relação ao plano literário da obra, o poema se inicia com a visão que o Eu lírico/narrador, o próprio Carvalho, tem de seu pai, que, assumindo a instância de enunciação, define a proposição épica, explicitando, portanto, a matéria épica do poema, a história dos Reinos Dourados:

Sente
minha presença sob tua pele
e deixa-me envolver em ti
minha alma carregada de lembranças

eu serei teus sonhos
e habitarei tuas palavras
para que juntos contemos
a história dos Reinos Dourados
(OLIVA, 2020, p. 11)

Curiosamente, o teor da primeira estrofe pode ser relacionado à invocação épica, visto que o pai convoca o filho, poeta, a se deixar encarnar pela voz paterna, que conduzirá a dupla viagem à ancestralidade. Nesse sentido, o texto de Fonseca (2020, p. 106) nos dá duas notícias. Uma, sobre o perfil de Antonio Carvalho Urey, nascido em Santa Ana del Yacuma, em Beni, Bolívia, em 1931, e falecido em Trinidad, também Bolívia, em 1989. O pai de Homero Carvalho foi poeta, contista, jornalista, economista e historiador, com vários livros publicados. E uma de suas características, tal como cita Fonseca, referenciando Quintana e Duchén (em nota na mesma página), era ser um defensor apaixonado da riqueza cultural e econômica de sua terra natal. A outra, sobre o fato de Homero Carvalho ter sido batizado por seu pai, como uma homenagem, com o nome do poeta épico grego, o que, segundo depoimento do próprio Carvalho, definiu uma espécie de compromisso com a voz literária.

Assim, Urey, o pai não nomeado no poema, aparece “... sentado/em serena contemplação/sobre sua *cadeira de vime*/debaixo da florida goiabeira/do pátio de sua Casa no Beni” (OLIVA, 2020, p. 13) e “sopra a palma de sua mão/deixando escapar em ligeira brisa/fabulosas imagens que se perdem no ar” (Ibidem, p. 15). O status de escritor e historiador confere ao pai uma existência no plano histórico que respalda a experiência construída no plano maravilhoso e que remete ambos a reviverem a

ancestralidade da região boliviana do Beni, habitada pelos moxenos, em cujas selvas estavam os Reinos Dourados. O poema trará, então, muitas referências culturais relacionadas à história da presença inca na região (posterior a essa existência ancestral e também invasora); à colonização espanhola; à nomeação das coisas e dos seres; às diversas etnias da região; às diferentes expressões linguísticas; aos rios da região, a imagens míticas, como a do Arco Íris, a do Grande Patití ou Candire (cidade perdida, o El Dorado), identificada, no poema, como a própria região do Beni; ao rei inca Enín; às imagens míticas da Lemúria, da Atlântida e da ilha de Thule; às lagoas encantadas cuidadas pelo *Jichi* (metade lagarto, metade cobra); às diferentes águas que formam a chamada “Pátria das Águas”, em alusão ao poeta brasileiro Thiago de Mello – “um solitário errante carregado de versos/nos denominou Pátria das Águas” (Ibidem, p. 55); e, principalmente, ao mito da “Terra sem Mal”, sobre a qual tão bem discorre Ronaldo Vainfas, em *A heresia dos índios* (1995) e à imagem mítica da Mãe das Águas, não compreendida pelos invasores:

Transmutaram a terra
a *Pacha Mama* dos altiplanos
em virgem de todos os céus

Aos nossos lugares sagrados
os converteram templos cristãos
e aos nossos deuses da guerra
em santos guerreiros de nomes nobres
mas nem sequer imaginaram
a nossa Senhora das Águas
a deusa mensageira da Vida
que nos contempla desde o orvalho
(OLIVA, 2020, p. 83)

Com diversas passagens que denunciam a ganância e a violência que se inscreveram na história da colonização da região, assim como ao dilúvio que fez sumirem os Reinos Dourados, levando levas de aventureiros a buscarem a terra onde as pessoas se banhavam com ouro, o poema também reconhece a fusão dos rios ancestrais com o rio trazido pela língua castelhana: “Nos deixaram suas palavras/e seu sangue como os rios/se unem em alguma parte e/vão a um só destino” (OLIVA, 2020, p. 85). No entanto, o poema também é um alerta, que se recolhe dos trechos:

115868816907413/), com mais de mil seguidores/as, apresenta informações sobre poetas, vídeos, divulgação de eventos, vídeos dos encontros virtuais realizados.

2.

Los Reinos Dorados (2007), de Homero Carvalho Oliva (1957) es una epopeya posmoderna boliviana, organizada en 85 estrofas, con número de versos y metrificaci3n diversificada, totalizando 472 versos sin rima, algunos de ellos desplazados, dando movimiento a las estrofas. La edici3n bilingüe (español/portugués), de 2020, trae la versi3n del poema al portugués realizada por Saulo Gomes de Souza y diez ilustraciones de Floriano Martins, además de una fortuna crítica, insertada al final de la edici3n con el título “Voces de la crítica”, con textos en español de Alcides Parejas Moreno, Ruber Carvalho Urey, Roxana Selum, Juan Carlos Ramiro Quiroga, Teresa Domingo Catalá y Dante Ribeiro da Fonseca.

El poema no tiene divisiones internas y va precedido de una cita de Fernando Pessoa – “Los dioses no han muerto, nosotros dejamos de verlos” (OLIVA, 2020, p. 8) –, de hecho, un extracto de “El regreso de los dioses”, firmado por el heterónimo Ricardo Reis, cuyo párrafo completo reproduzco aquí, ya que encaja muy bien en el entendimiento de la épica materia de *Los Reinos Dorados*: “Los dioses no murieron: lo que murió fue nuestra visi3n de ellos. No se han ido: dejamos de verlos. O cerramos los ojos, o entre ellos y nosotros, ha entrado algo de niebla. Sobreviven, viven como lo hicieron, con la misma divinidad y la misma calma” (versi3n en español de Ramalho de PESSOA, 1998, p. 179). El epígrafe, extraído, por tanto, de este párrafo firmado por Ricardo Reis, presagia el *leitmotiv*, o la motivaci3n motriz de un viaje que será realizado por padre e hijo, integrados por una experiencia surrealista que revela la inversi3n en el plan maravilloso de la obra, con el propósito de rescatar la imagen mítica de los Reinos Dorados y, con ella, una ascendencia necesaria para la vivencia de los simbolismos ligados a la Madre Agua y la materialidad cultural que proyecta en suelo boliviano, amaz3nico y americano, la existencia de la Tierra sin Mal, la “Patria de las Aguas”, y una condici3n de vida humana integrada con la naturaleza, sin espacio para mandatos políticos, escisiones o materialismo. Una sociedad sin gobierno, en la que las personas viven en comunidad, porque “En los Reinos Dorados/los hombres y la selva éramos uno” (OLIVA, 2020, p. 30) o “porque nuestra era la vida/y el orden espiritual de la naturaleza”

(Ibidem, p. 43). Un viaje de rescate en el que el doble héroe épico también es metonímico de toda América, ya que diferentes espacios fluviales adquieren la dimensión del río Amazonas, cuando el padre le explica a su hijo por qué vino, en sueño y voz:

He vuelto hijo mío
porque me quedaba
algo por hacer para liberar
al pájaro de mi memoria
para que mi voz sea un
eco ancestral que traiga
la imagen de esa tierra
la Tierra de la gente de las Aguas

De esos nuestros antepasados
descienden tus abuelos y abuelas
movimas, moxeños, sirionós,
itonomas, canichanas, cavineños,
chacobos, baures, cayubabas, chimanes,
pacaguaras, otuquis, pausernas, yuracarés,
y otros muchos otros pueblos
allende del Río de las Amazonas
el río mar
el río océano
el río del mundo
(OLIVA, 2020, p. 69-70)

Acerca del plan literario de la obra, el poema parte de la visión que el yo lírico/narrador, el propio Carvalho, tiene de su padre, quien, asumiendo la instancia de enunciación, define la proposición épica, explicando, por tanto, la materia épica del poema, la historia de los Reinos Dorados:

Siente
mi presencia bajo tu piel
y déjame que vuelque contigo
mi alma cargada de recuerdos

Yo seré tus sueños
y habitaré tus palabras
para que juntos contemos
la historia de los Reinos Dorados
(OLIVA, 2020, p. 11)

Curiosamente, el contenido de la primera estrofa puede relacionarse con la invocación épica, ya que el padre convoca a su hijo, un poeta, para que se deje encarnar

por la voz paterna, que conducirá el doble camino hacia la ascendencia. En este sentido, el texto de Fonseca (2020, p. 106) nos da dos novedades. Una, sobre el perfil de Antonio Carvalho Urey, nacido en Santa Ana de Yacuma, Beni, Bolivia, en 1931, y fallecido en Trinidad, también Bolivia, en 1989. El padre de Homero Carvalho fue poeta, cuentista, periodista, economista e historiador, con varios libros publicados. Y una de sus características, como lo menciona Fonseca, haciendo referencia a Quintana y Duchén (en una nota en la misma página), fue un apasionado defensor de la riqueza cultural y económica de su tierra natal. La otra, sobre el hecho de que Homero Carvalho fue bautizado por su padre, como un homenaje, con el nombre del poeta épico griego, que, según el propio testimonio de Carvalho, le definió una especie de compromiso con la voz literaria.

Así, Urey, el padre no nombrado en el poema, aparece "... sentado/en serena contemplación/sobre su mecedora mimbre/debajo del florido guayabo/en el patio de su Casa en el Beni" (OLIVA, 2020, p. 12) y "sopla la palma de su mano/dejando escapar en ligera brisa/fabulosas imágenes que se pierden en el aire" (Ibidem, p. 14). La condición de escritor e historiador le da al padre una existencia en el plano histórico que sustenta la experiencia construida en el plano maravilloso y que lleva a ambos a revivir la ascendencia de la región boliviana del Beni, habitada por los Moxos, en cuyas selvas se encontraban los Reinos Dorados. El poema traerá entonces muchas referencias culturales relacionadas con la historia de la presencia inca en la región (llegada después de esta existencia ancestral y también invasiva); con colonización española; el nombramiento de cosas y seres; las diversas etnias de la región; diferentes expresiones lingüísticas; con los ríos de la región; con imágenes míticas, como la del Arco Íris, la del Grande Patití o Candire (ciudad perdida, El Dorado), identificada, en el poema, como la propia región del Beni; al rey Inca Enín; a las imágenes míticas de Lemuria, Atlántida y la isla de Thule; a las lagunas encantadas que cuida Jichi (mitad lagarto, mitad serpiente); las distintas aguas que componen la llamada "Patria de las Aguas", en alusión al poeta brasileño Thiago de Mello – "un errante solitario cargado de versos/nos llamó Patria de las Aguas" (Ibidem, p. 54); y, principalmente, al mito de la "Tierra sin Mal", del que tan bien habla Ronaldo Vainfas, en *A heresia dos índios* (1995) ya la mítica imagen de la Madre de las Aguas, no comprendida por los invasores:

Transmutaron la tierra
la Pacha Mama de las altas mesetas
en virgen de todos los cielos

A nuestros lugares sagrados
los volvieron templos cristianos
y nuestros dioses de la guerra
en santos guerreros de nombres castizos
pero ni siquiera se imaginaron
nuestra Señora de las Aguas
la diosa mensajera de la vida
que nos contempla desde el rocío
(OLIVA, 2020, p. 82)

Con varios pasajes que denuncian la codicia y violencia que se inscribieron en la historia de la colonización de la región, así como el diluvio que hizo desaparecer los Reinos Dorados, llevando oleadas de aventureros a buscar la tierra donde la gente se bañaba de oro, el poema también reconoce la fusión de ríos ancestrales con el río que traía el castellano: “Nos dejaron sus palabras y su sangre que como ríos/se unen en alguna parte y/van hacia un sólo destino” (OLIVA, 2020, p. 84). Sin embargo, el poema también es una alerta, que se recopila de los extractos:

Nuestra historia
se evaporó en las brumas del tiempo
la niebla que ocultó la tragedia
tardó en disolverse
y el sol redimido
despertó el silencio
sobre las ruinas de la Ihanura
porque nunca debimos olvidar
que fuimos una civilización
que por saberlo todo lo perdió todo
(OLIVA, 2020, p. 65).

A los conquistadores
no les alcanzó ni el oro
ni la quina
ni copal
ni el caucho
como tampoco ahora
les alcanzarán la madera
la castaña ni el petróleo
porque tienen que llenar el vacío
que dejaron sus espíritus
cuando la codicia los perdió
(OLIVA, 2020, p. 80).

Los “Reinos Dorados” eran, después de todo, la quizás utópica “Gran Casa del Pueblo”, que el poema busca rescatar. Por eso, la voz del padre, disolviéndose en el humo, alerta al yo lírico/narrador, su hijo, sobre la misión de contar el viaje como una forma de poder regresar a los Reinos Dorados, a la Gran Casa del Pueblo, lugar donde el ser humano, después de todo, deja de hacer de la naturaleza “el otro”, para ser el mismo naturaleza también.

Homero Carvalho Oliva nació en 1957, en Santa Ana del Yacuma, Bolivia. Es novelista, cuentista, poeta, cronista, crítico y antólogo traducido y premiado a nivel nacional e internacional. Algunas de sus múltiples obras: *Biografía de un otoño*, *Historias de Ángeles y Arcángeles*, *Memoria de los espejos*, *La maquinaria de los secretos*, *Cuento súbito*, *La última cena*, *Pequeños suicídios*, *Por el ojo de las agujas*. Homero Carvalho, con Gigia Talarico y otros poetas, también está al frente del movimiento *Poetas del Mar Interior de América*, que integra a poetas de diferentes nacionalidades, con el fin de promover cruces e intercambios permanentes. La página de Facebook (<https://www.facebook.com/Poetas-del-mar-interior-de-Am%C3%A9rica-115868816907413/>), con más de mil seguidores, presenta informaciones sobre poetas, videos, difusión de eventos, videos de reuniones virtuales realizadas.

3.

Los Reinos Dorados [Les Royaumes d'Or] (2007), par Homero Carvalho Oliva (1957) est une épopée postmoderne bolivienne, organisée en 85 strophes, avec le nombre de versets et la métrification diversifiés, totalisant 472 vers sans rimes, certains d'eux déplacés, en donnant du mouvement aux strophes. L'édition bilingue (espagnol / portugais), de 2020, apporte la version du poème en portugais réalisée par Saulo Gomes de Souza et dix illustrations de Floriano Martins, en plus d'une fortune critique, insérée à la fin de l'édition avec le titre «*Voces de la crítica*», avec des textes en espagnol d'Alcides Parejas Moreno, Ruber Carvalho Urey, Roxana Selum, Juan Carlos Ramiro Quiroga, Teresa Domingo Catalá et Dante Ribeiro da Fonseca.

Le poème n'a pas de divisions internes et est précédé d'une citation de Fernando Pessoa – «*Los dioses no han muerto, nosotros dejamos de verlos*» (OLIVA, 2020, p. 8), en fait un extrait de «Le retour des dieux», signé par l'hétéronyme Ricardo Reis, dont je

reproduis ici le paragraphe complet, car il correspond très bien à la compréhension de la matière épique de Los Reinos Dorados: «Les dieux ne sont pas morts: ce qui est mort, c'est notre vision d'eux. Ou nous fermons les yeux, ou entre eux et nous, du brouillard s'est attrapé. Ils subsistent, vivent comme ils l'ont fait, avec la même divinité et le même calme» (version française par Ramalho de PESSOA, 1998, p. 179). L'épigraphe, extraite donc de ce paragraphe signé par Ricardo Reis, préfigure le *leitmotiv*, ou la motivation motrice d'un voyage qui sera réalisé par père et fils, intégré par une expérience surréaliste qui révèle l'investissement dans le plan merveilleux de l'œuvre, avec le but de sauver l'image mythique des Royaumes d'Or et, avec elle, une ascendance nécessaire à l'expérience des symbolismes liés à Mère de l'Eau et à la matérialité culturelle qui projette sur le sol bolivien, amazonien et américain, l'existence de la Terre sans Mal, la «Patrie des eaux», une condition humaine de vie intégrée à la nature, sans place pour les injonctions politiques, le clivage ou le matérialisme. Une société sans gouvernement, dans laquelle les gens vivent en communauté, parce que «dans les Royaumes d'Or/les hommes et la jungle nous étions un» (version française par Ramalho de OLIVA, 2020, p. 31) ou «parce que nôtre était la vie/et l'ordre spirituel de la nature» (Ibidem, p. 44). Un voyage de sauvetage dans lequel le double héros épique est également métonymique de toute l'Amérique, puisque différents espaces fluviaux prennent la dimension du fleuve Amazone, lorsque le père explique à son fils pourquoi il est venu, en rêve et en voix:

J'ai rendu mon fils
 parce que me manquais
 quelque chose à faire pour libérer
 à l'oiseau de ma mémoire
 pour que ma voix soit
 un écho ancestral qui apporte
 l'image de cette terre
 la Terre de les gens de l'Eau

De ces nos ancêtres
 descendez tes grands-pères et grands-mères
movimas, moxeños, sirionós,
itonomas, canichanas, cavineños,
chacobos, baures, cayubabas, chimanes,
pacaguaras, otuquis, pausernas, yuracarés
 et beaucoup d'autres, d'autres peuples
 au-delà du Flueve des Amazones

le fleuve mer

le fleuve océan

le fleuve du monde
(Version française par Christina Ramalho de OLIVA, 2020, p. 69-70)

En relation avec le niveau littéraire de l'œuvre, le poème commence par la vision que le je lyrique/narrateur, Carvalho lui-même, a de son père, qui, assumant l'instance de l'énonciation, définit la proposition épique, expliquant, par conséquent, la matière épique du poème, l'histoire des Royaumes d'Or:

Sens
ma présence sous ta peau
et laisse-moi m'impliquer en toi
mon âme chargée de souvenirs

je serai tes rêves
et j'habiterai tes paroles
pour qu'ensemble on puisse compter
l'histoire des Royaumes d'Or
(Version française par Christina Ramalho de OLIVA, 2020, p. 11)

Un fait intéressant est le contenu de la première strophe que peut être lié à l'invocation épique, puisque le père convoque son fils, un poète, à se laisser incarner par la voix paternelle, qui mènera le double voyage vers l'ascendance. En ce sens, le texte de Fonseca (2020, p. 106) nous donne deux nouvelles. L'un, sur le profil d'Antonio Carvalho Urey, né à Santa Ana del Yacuma, Beni, Bolivie, en 1931, et à mort à Trinidad, également en Bolivie, en 1989. Le père d'Homero Carvalho était poète, nouvelliste, journaliste, économiste et historien, avec plusieurs livres publiés. Et l'une de ses caractéristiques, comme mentionné par Fonseca, faisant référence à Quintana et Duchén (dans une note sur la même page), était d'être un défenseur passionné de la richesse culturelle et économique de sa terre. L'autre, sur le fait qu'Homero Carvalho a été baptisé par son père, en hommage, avec le nom du poète épique grec, qui, selon le propre témoignage de Carvalho, définissait à lui une sorte d'engagement pour la voix littéraire.

Ainsi, Urey, le père non nommé dans le poème, apparaît «... assis/en contemplation sereine/sur sa chaise en osier/sous le goyavier en fleurs/dans la cour de sa maison à Beni» (version française par Ramalho de CARVALHO, 2020, p. 13) et «il souffle la paume de sa main/en train de laisser sortir dans une brise légère/images

fabuleuses qui se perdent dans l'air» (Ibidem, p. 15). Le statut d'écrivain et d'historien confère au père une existence sur le plan historique qui soutient l'expérience construite sur le plan merveilleux et qui conduit à la fois à revivre l'ascendance de la région bolivienne de Beni, habitée par les Moxéniens, dans les jungles desquelles se trouvaient les Royaumes d'Or. Le poème apportera alors de nombreuses références culturelles liées à l'histoire de la présence inca dans la région (après cette existence ancestrale et aussi envahissante); à la colonisation espagnole; la dénomination des choses et des êtres; les diverses ethnies de la région; les différentes expressions linguistiques; aux rivières de la région, aux images mythiques, comme celle de l'«Arc en Ciel, celle de la *Grande Patiti* ou *Candire* (cité perdue, *El Dorado*), identifiée, dans le poème, comme la région de Beni elle-même; au roi inca Enín; aux images mythiques de la Lémurie, de l'Atlantide et de l'île de Thulé; aux lagons enchantés soignés par *Jichi* (moitié lézard, moitié serpent); les différentes eaux qui composent la soi-disant «Patrie des Eaux», faisant allusion au poète brésilien Thiago de Mello - «un errant solitaire chargé de vers/qui nous appelait Patrie des Eaux» (Ibidem, p. 55); et, principalement, au mythe de «Terre sans Mal», dont Ronaldo Vainfas parle si bien, dans *A heresia dos índios* (1995) et à l'image mythique de la Mère [Dame] des Eaux, non comprise par les envahisseurs:

Ils ont transmuté la terre
la *Pacha Mama* des hauts plateaux
dans la vierge de tous les cieux

Nos lieux sacrés
les a convertis en temples chrétiens
et nos dieux de la guerre
en guerriers saints de nobles noms
mais ils n'ont même pas imaginé
la notre Dame des Eaux
la déesse messagère de la vie
qui nous contemple de la rosée
(Version française par Christina Ramalho de OLIVA, 2020, p. 83)

Avec plusieurs passages qui dénoncent l'avidité et la violence qui ont été inscrites dans l'histoire de la colonisation de la région, ainsi que l'inondation qui a fait disparaître les Royaumes d'Or, conduisant des vagues d'aventuriers à chercher la terre où les gens baignaient d'or, le poème aussi reconnaît la fusion des rivières ancestrales avec la rivière apportée par la langue castillane: «Ils nous ont laissé leurs mots/et leur sang comme des

rivières/s'unissent quelque part et/vont vers une seule destination» (version française par Ramalho de OLIVA, 2020, p. 85). Cependant, le poème est aussi une alerte, qui est recueillie à partir des extraits:

Notre histoire
s'a évaporé dans les brumes des temps
le brouillard qui cachait la tragédie
retardé sa dissolution
et le soleil racheté
réveillé le silence
sur les ruines de la *Ihanura*
car nous ne devrions jamais oublier
que nous étions une civilisation
que par tout savoir a tout perdu
(Version française par Ramalho de OLIVA, 2020, p. 66).

Aux conquérants
ils n'ont même pas satisfait l'or
ni la *quina*
ni le *copal*
ni le *caoutchouc*
et encore moins maintenant
ils ont satisfait le bois
la châtaigne ou le pétroil
parce qu'ils ont besoin de combler le vide
que tesprits ont laissé
quand la cupidité les a perdus
(Version française par Christina Ramalho de OLIVA, 2020, p. 81).

Les «Royaumes d'Or» étaient, après tout, la «Grande Maison du Peuple», peut-être utopique, que le poème cherche à sauver. Pour cette raison, la voix du père, se dissolvant dans la fumée, alerte le je lyrique/narrateur, son fils, sur la mission de raconter le voyage comme moyen d'atteindre le retour aux Royaumes d'Or, à la Grande Maison du Peuple, lieu où l'être l'humain, après tout, cesse de faire de la nature «l'autre», pour être la nature lui-même.

Homero Carvalho Oliva est né en 1957 à Santa Ana del Yacuma, en Bolivie. Il est romancier, nouvelliste, poète, chroniqueur, critique et anthologiste traduit et avec des prix aux niveaux national et international. Quelques-unes de ses nombreuses œuvres: *Biografía de un otoño*, *Historias de Ángeles y Arcángeles*, *Memoria de los espejos*, *La maquinaria de los secretos*, *Cuento súbito*, *La última cena*, *Pequeños suicídios*, *Por el ojo de las agujas*. Homero Carvalho, avec Gigia Talarico et d'autres poètes, est également à

la tête du mouvement *Poetas del Mar Interior de América*, qui intègre des poètes de nationalités différentes, afin de favoriser les croisements et les échanges permanents. La page Facebook (<https://www.facebook.com/Poetas-del-mar-interior-de-Am%C3%A9rica-115868816907413/>), avec plus d'un millier de followers, présente des informations sur les poètes, des vidéos, diffusion d'événements et de vidéos de réunions virtuelles tenues.

4.

Los Reinos Dorados [The Golden Kingdoms] (2007), by Homero Carvalho Oliva (1957) is a Bolivian postmodern epic poem, organized in 85 stanzas, with a diversified number of verses and metrifications, totaling 472 verses without rhymes, some of these verses displaced, giving movement to the stanzas. The bilingual edition (Spanish/Portuguese), from 2020, brings the version of the poem into Portuguese made by Saulo Gomes de Souza and ten illustrations by Floriano Martins, in addition to a critical fortune, inserted at the end of the edition with the title "*Voces de la crítica*", with texts in Spanish by Alcides Parejas Moreno, Ruber Carvalho Urey, Roxana Selum, Juan Carlos Ramiro Quiroga, Teresa Domingo Catalá and Dante Ribeiro da Fonseca.

The poem has no internal divisions and is preceded by a quote from Fernando Pessoa – "*Los dioses no han muerto, nosotros dejamos de verlos*" (OLIVA, 2020, p. 8) –, in fact an excerpt from "The return of the gods", signed by the heteronym Ricardo Reis, whose full paragraph I reproduce here, since it fits very well to the understanding of the epic matter of *Los Reinos Dorados*: "The gods did not die: what died was our vision of them. They are not gone: we stopped seeing them. Either we close our eyes, or between them and us, some fog has entered. They survive, they live as they did, with the same divinity and the same calm" (English version by Ramalho of PESSOA, 1998, p. 179). The epigraph, extracted, therefore, from this paragraph signed by Ricardo Reis, foreshadows the *leitmotiv*, or the driving motivation of a trip that will be carried out by father and son, integrated by a surreal experience that reveals the investment in the mythical plan of the work, with the purpose of rescuing the mythical image of the Golden Kingdoms and, with it, an ancestry necessary for the experience of the symbolisms linked to the Mother of Water and the cultural materiality that projects on Bolivian, Amazonian and American soil, the existence of the Earth without Evil, the "Homeland of Waters", and a

human condition of life integrated with nature, with no space for political injunctions, cleavage or materialism. A society without government, in which people live in community, because “In the Golden Kingdoms/human being and the jungle we were one” (English version by Ramalho of OLIVA, 2020, p. 31) or “because ours was life/and the spiritual order of nature”(Ibidem, p. 44). A rescue trip in which the double epic hero is also metonymic from all over America, since different river spaces take on the dimension of the Amazon River, when the father explains to his son why he came, in dream and voice:

I returned my son
because I lacked
something to do to free
the bird of my memory
so that my voice could be
an ancestral echo that brings
the image of this land
the Land of the people of Water

Of these our ancestors
descend your grandfathers and grandmothers
movimas, moxeños, sirionós,
itonomas, canichanas, cavineños,
chacobos, baures, cayubabas, chimanes,
pacaguaras, otuquis, pausernas, yuracarés,
and many others, other peoples
beyond the Amazon River

the river sea
the river ocean
the river of the world
(English version by Ramalho of OLIVA, 2020, p. 69-70)

About the literary plan of the work, the poem begins with the vision that the lyrical/narrator, Carvalho himself, has of his father, who, assuming the enunciation instance, defines the epic proposition, explaining, therefore, the epic matter of the poem, the story of the Golden Kingdoms:

Feel
my presence under your skin
and let me get involved in you
my soul plein with memories

I will be your dreams
and I will inhabit your words
so that together we can count

Interestingly, the content of the first stanza can be related to the epic invocation, since the father summons his son, a poet, to let himself be incarnated by the paternal voice, which will lead the double journey to ancestry. In this sense, Fonseca's text (2020, p. 106) gives us two news. One, on the profile of Antonio Carvalho Urey, born in Santa Ana del Yacuma, Beni, Bolivia, in 1931, and died in Trinidad, also Bolivia, in 1989. Homero Carvalho's father was a poet, short story writer, journalist, economist and historian, with several published books. And one of his characteristics, as mentioned by Fonseca, referencing Quintana and Duchén (in a note on the same page), was being a passionate defender of the cultural and economic wealth of his homeland. The other, about the fact that Homero Carvalho was baptized by his father, as a tribute, with the name of the Greek epic poet, which, according to Carvalho's own testimony, defined to him a kind of commitment to the literary voice.

Thus, Urey, the father not named in the poem, appears "... sitting/in serene contemplation/on his wicker chair/under the flowering guava tree/in the courtyard of his House in Beni" (English version by Ramalho of CARVALHO, 2020, p. 13) and "blowing the palm of his hand/letting out in a light breeze/fabulous images that are lost in the air" (Ibidem, p. 15). The status of writer and historian gives the father an existence on the historical plan that supports the experience built on the mythical plan and that leads both to relive the ancestry of the Bolivian region of Beni, inhabited by the Moxenians, in whose jungles were the Golden Kingdoms. The poem will then bring many cultural references related to the history of the Inca presence in the region (after this ancestral and also an invasive presence); of the Spanish colonization; the naming of things and beings; the diverse ethnicities of the region; the different linguistic expressions; the rivers of the region, the mythical images, such as that of Rainbow, that of *Grande Patití* or *Candire* (lost city, *El Dorado*), identified, in the poem, as the Beni region itself; of the Inca king Enin; the mythical images of Lemuria, Atlantis and the island of Thule; the enchanted lagoons cared for by *Jichi* (half lizard, half snake); the different waters that make up the so-called "Homeland of Water", alluding to the Brazilian poet Thiago de Mello – "a lonely wandering laden with verses/called us Homeland of Water" (Ibidem,

p. 55); and, mainly, to the myth of “Land without Evil”, about which Ronaldo Vainfas speaks so well, in *A heresia dos índios* (1995) and to the mythical image of the Mother of Waters, not understood by the invaders:

Transmuted the Earth
the *Pacha Mama* of the Highlands
into the virgin of all the heavens

Our sacred places
converted in Christian temples
and our gods of war
in holy warriors of noble names
but they did not even imagine
our Lady of the Waters
the messenger goddess of Life
that contemplates us from the dew
(English version by Ramalho of OLIVA, 2020, p. 83)

With several passages that denounce the greed and violence that were inscribed in the history of the colonization of the region, as well as the flood that made the Golden Kingdoms disappear, leading waves of adventurers to seek the land where people bathed with gold, the poem also recognizes the fusion of ancestral rivers with the river brought by the Castilian language: “They left us their words/and their blood like rivers/which unite somewhere and/go to the same destination” (English version by Ramalho of OLIVA, 2020, p. 85). However, the poem is also an alert, which is collected from the excerpts:

Our story
evaporated in the mists of time
the fog that hid the tragedy
 delayed in dissolving
and the redeemed sun
awoke silence
over the ruins of the *Ihanura*
because we should never forget
that we were a civilization
that knowing everything lost everything
(English version by Ramalho of OLIVA, 2020, p. 66).

To the conquerors
they did not even be satisfied with the gold
nor the *quina*
 nor *copal*
 nor the rubber

like neither now
they will be satisfied with the wood
chestnut or petroil
because they must fill the void
left by their spirits
when greed lost them
(English version by Ramalho of OLIVA, 2020, p. 81).

The “Golden Kingdoms” were, after all, the perhaps utopian “Great House of the People”, which the poem seeks to rescue. For this reason, the father's voice, dissolving in the smoke, alerts I lyrical/narrator, his son, about the mission of telling the journey as a way of reaching the return to the Golden Kingdoms, the Great House of the People, a place where the being human, after all, ceases to make nature “the other”, to be nature himself.

Homero Carvalho Oliva was born in 1957, in Santa Ana del Yacuma, Bolivia. He is a novelist, short story writer, poet, chronicler, critic and anthologist translated and awarded nationally and internationally. Some of his many works: *Biografía de un otoño*, *Historias de Ángeles y Arcángeles*, *Memoria de los espejos*, *La maquinaria de los secretos*, *Cuento súbito*, *La última cena*, *Pequeños suicídios*, *Por el ojo de las agujas*. Homero Carvalho, with Gigia Talarico and other poets, is also at the head of the *Poetas del Mar Interior de América* movement, which integrates poets of different nationalities, in order to promote crossings and permanent exchanges. The Facebook page (<https://www.facebook.com/Poetas-del-mar-interior-de-Am%C3%A9rica-115868816907413/>), with over a thousand followers, presents information about poets, videos, dissemination of events and videos of virtual meetings held.

Referência/Referencia/Référence/Reference

FONSECA, Dante Ribeiro da. Los Reinos Dorados, poesia, história ficção e mito. In: **Revista Igarapé Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade**. N. 3, maio de 2014, p. 349-357. Disponível em: <https://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/892>. Consulta realizada em 23/12/2020.

FONSECA, Dante Ribeiro da. Los Reinos Dorados, poesía, historia, ficción y mito. In: CARVALHO, Homero Oliva. **Os Reinos Dourados**. Trad. Saulo Gomes de Souza. Fortaleza: Editora Cintra, 2020, p. 105-116.

CARVALHO, Homero Oliva. **Os Reinos Dourados**. Trad. Saulo Gomes de Souza. Fortaleza: Editora Cintra, 2020.

MELLO, Thiago. **Amazonas**: Pátria da Água. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

OLIVA, Homero Carvalho. **Los Reinos Dorados**. Série La Mancha. Santa Cruz de la Sierra: La Hoguera, 2007.

PESSOA, Fernando. **Obras em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios**. Catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.